

# CONCESSÃO DE TÍTULO DE DOUTOR *HONORIS CAUSA* AO PROFESSOR EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA<sup>1</sup>

Toulouse, 16 de janeiro de 1965

Sábado, 16 de janeiro de 1965, no anfiteatro Jean Bodin do Institut d'Etudes Politiques, durante a cerimônia presidida pelo decano sr. Marty, representando o reitor Loyen, as insígnias de doutor *honoris causa* da Universidade de Toulouse foram entregues ao prof. Eurípedes Simões de Paula, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo.

Foi o professor Wolf quem tomou a palavra para apresentar o novo doutor *honoris causa* da Universidade de Toulouse. Ele elogiou sua erudição e suas qualidades humanas e lembrou a generosidade com que esse brilhante acadêmico sempre soube traduzir seu compromisso com a França e sua cultura. Depois de receber das mãos do sr. Doyen Marty as insígnias de sua dignidade, o prof. Simões de Paula agradeceu calorosamente Toulouse e sua universidade, afirmando seu orgulho de ter sido distinto por uma cidade que tantos laços unem ao Brasil.

Publicamos aqui o texto integral do discurso do prof. Wolf e a resposta do prof. Simões de Paula.

---

<sup>1</sup> Extraído do *Boletim da Universidade de Toulouse*, nº V, 1965, Edouard Privat (ed.). Tradução do francês: Joceley Vieira de Souza (doutorando em História Social) e Rodolpho de Vicente Gomes (graduando em Letras Francês – FFLCH/USP).

**Discurso de apresentação do sr. Eurípedes Simões de Paula como doutor honoris causa da Universidade de Toulouse, pronunciado em 16 de janeiro de 1965, pelo professor Philippe Wolff**

Senhor reitor, senhores decanos,  
Senhoras, senhores

Ao receber hoje o professor Eurípedes Simões de Paula na qualidade de doutor *honoris causa*, a Universidade de Toulouse tem a intenção de prestar homenagem ao mesmo tempo ao nobre povo que ele honra e à sua própria pessoa.

Permitam-me dizer, antes de mais nada. A cerimônia que hoje celebramos emana, em primeiro lugar, o charme íntimo de uma festa familiar. Muitos aqui foram aqueles que tiveram a alegria de apreciar a proverbial hospitalidade brasileira, e mais particularmente em São Paulo. A universidade desta ativa metrópole não acolheu um grande número de universitários franceses, alguns toulousianos, outros parisienses, como nosso caro Fernand Braudel, cujas lições inspiraram o colega que festejamos hoje, assim como inspiraram tantos entre nós? Marcamos, portanto, esta fraternidade espiritual que nos liga, como, mais amplamente, as afinidades que se afirmam entre nossos povos – e não há dúvida de que São Paulo é um dos lugares do Brasil onde elas o fazem com maior facilidade e força.

Como não evocar hoje a extrema gentileza, a sorridente benevolência, a profunda generosidade, das quais muitos de nós poderíamos citar tantas manifestações? É verdade – porém, o que de mais natural? – que os brasileiros têm ânsia de serem admirados pelo que são, de um amor que saiba apreender e compreender os tão numerosos e árduos problemas que lhes são postos por uma natureza muitas vezes rude e hostil, como um crescimento vigoroso do qual é impossível manter todos os elementos em estreita coordenação. Se quiséssemos nos dar o trabalho de nos colocarmos em seu lugar, de fazermos nossas tantas questões delicadas, e às vezes angustiantes, de não permanecer “estrangeiro” em meio a este admirável povo laborioso, que recompensa aguarda estes esforços tão simples! Os rostos sorriem – os de todos, colegas, estudantes, administradores, pessoas da rua – os lares se abrem, as conversas se travam, o ensino na Universidade de São Paulo, nessa capital tão acertadamente orgulhosa da sua seriedade, do seu sentido de esforço, torna-se uma experiência apaixonante.

Então se revelam plenamente as qualidades do povo brasileiro: esta surpreendente capacidade de unidade que, de tantos imigrantes de variadas origens, lançados em um espaço imenso e tão variado, forja uma verdadeira nação. Este

gosto profundo pelo acordo, pela paz, que por diversas vezes permitiu evitar tragédias, e pela capacidade de imaginar soluções inconcebíveis em outros lugares. E tantas outras virtudes que, uma vez provadas, deixam – somos vários aqui a saber – uma intensa saudade, uma inabalável amizade!

Estas observações dão a esta cerimônia todo o seu alcance. Essa não nos afasta da pessoa do professor Eurípedes Simões de Paula. Primeiramente, porque ele, mais do que nenhum outro em São Paulo, trabalhou pela amizade franco-brasileira, convidou e acolheu professores franceses, criou ao redor deles condições as mais favoráveis para seu trabalho, associou sua ação à vida da sua faculdade.

Mas, se me cabe acolhê-lo hoje, o motivo é ser ele o titular de uma cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval. É necessário, sublinhemos isto, que tais cadeiras existam em todos os países da América meridional e central, sendo mesmo que grandes países não as possuem. O ensino assim oferecido permite aos historiadores brasileiros e, por eles, aos cidadãos de seu país, não somente se unirem plenamente à parte europeia de suas origens, mas também de participar deste humanismo universal, do qual nossos territórios, especialmente mediterrâneos, elaboraram nesses séculos longínquos as fundações insubstituíveis.

Os medievalistas nascidos e educados fora da Europa, contudo, provam menos do que nós outros a tentação de limitar seus horizontes aos contornos seguros de nossos velhos países. Deste ponto de vista, temos muito o que nos inspirar neles. Também devemos meditar sobre a obra que valeu a nosso colega o título de doutor, e que ele consagrou em 1942 ao comércio varegue e ao grande principado de Kiev (*O comércio varegue e o grão-principado de Kiev*). Com muita fineza, a ação dos escandinavos entre as populações eslavas orientais é, neste trabalho, comparada à instalação dos alemães na Europa ocidental, onde, contudo, estes encontraram condições muito mais favoráveis. Exame que conduz naturalmente a esta conclusão rica de sentido: “Poderíamos mesmo afirmar – com as necessárias reservas – que o período de Kiev na Rússia corresponde à Antiguidade do mundo mediterrâneo, e que, para esta região, a Idade Média começa verdadeiramente com a invasão tártara” – ou seja, no início do século XIII. Da mesma maneira, Tartessos e a rota do estanho, o comércio de Bizâncio com o Extremo Oriente, as relações do Marrocos com a Ibéria na Antiguidade, as origens longínquas da Armênia, retiveram vossa atenção, em meio a tantas publicações que já figuram em vosso curriculum.

A História é una, e seus métodos, adaptados à situação do meio e das fontes, devem servir à reconstituição do passado da América do Sul. Antes mesmo de se tornar professor na Faculdade de Filosofia de São Paulo, a preocupação de nosso colega era de dar aos historiadores, e não somente brasileiros, um instrumento de trabalho dotado de toda a radiação, de toda a audiência internacional, desejáveis para esta tarefa essencial.

Há pouco catedrático, o professor Eurípedes Simões de Paula fundava, em 1950, a *Revista de História* que, portanto, acabou de completar quinze anos. Ao ritmo de quatro grossos fascículos por ano, ela prossegue uma ação que a faz, no domínio histórico, a grande revista da América do Sul. Quem saberá à custa de quanta devoção, generosidade, amplitude de espírito, habilidade, dispensadas por seu diretor? Seus artigos, suas notas, suas bibliografias constituem uma fonte indispensável e viva. É-nos precioso constatar que, por meio dela, a cooperação entre historiadores brasileiros e franceses encontrou um novo órgão.

Atividades ainda mais meritórias que estas citadas se combinam com as seguintes, às quais a confiança de seus colegas designou o professor Eurípedes Simões de Paula: diretor (decano, diríamos) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, de 1950 a 1957, depois, de 1962 a 1964, vice-reitor desta mesma Universidade, de 1954 a 1957. Deixo de citar todas as tarefas que, por muito tempo, açambarcaram a atividade de um homem vigoroso, minucioso, apaixonado por seu trabalho, que é este nosso colega. Gostaria, contudo, de assinalar ainda que ele é diretor do riquíssimo Museu de Arte e de Arqueologia da Universidade de São Paulo.

E gostaria de mencionar, em último lugar, os serviços que, se não são universitários, provam eloquentemente a qualidade do caráter do professor Eurípedes Simões de Paula, e seu apego aos valores que nos são caros. Como oficial do corpo de expedicionários brasileiros, participou brilhantemente da libertação da Itália. Campanha que ele terminou como capitão, condecorado com a Medalha Esforço de Guerra, com a Cruz de Combate, com a Légion d'Honneur, com a Croix de Guerre Française com distinção – condecorações que se avizinham, em seu peito, de nossas insígnias acadêmicas.

Ainda que brevemente, espero ter dito o suficiente para fazer compreender as razões que nos levaram a premiar o professor Eurípedes Simões de Paula, desde 1954, com o título de doutor *honoris causa* de nossa universidade. A enumeração, mesmo incompleta, de suas atividades, explica suficientemente que ele não poderia vir mais cedo entre nós para receber as insígnias desta dig-

nidade. Nossa alegria e orgulho não são senão ainda mais vivos hoje. Senhor diretor, meu caro amigo, seja bem vindo!

### **Resposta do prof. Eurípedes Simões de Paula**

Excelentíssimo sr. reitor  
Excelentíssimos srs. professores,  
Senhoras, senhores

De bem longe nós viemos, excelentíssimo reitor e professores, para receber com profunda alegria a grande honra que vós desejais nos testemunhar. Nós a aceitamos, muito orgulhosos e felizes, porque sabemos vir a nós como prova de íntimos sentimentos de uma amizade mais que centenária que une nossos dois países. Nas horas difíceis da história, de nossa história (quando meu compatriota Santa Rita Durão aconselhava aos brasileiros tomar a França por madrinha), sempre estivemos juntos e unidos na apreciação disso que nós considerávamos o essencial do patrimônio latino de nossa civilização, com a mesma concepção daquilo que é humano. Este favor que vós nos concedeis tão generosamente ao lado da Croix de Guerre, da Légion d'Honneur e das Palmas acadêmicas recebidas de vosso governo é ainda uma prova da compreensão que une os intelectuais da França à inteligência brasileira.

Como vós sabeis, meu país é um verdadeiro continente plantado na América do Sul, pátria onde se fundiram três raças diferentes; ora, desde o século XVIII, estes elementos humanos foram unidos pela inteligência. É nas obras literárias de vossos filósofos que eles extraíram o ardor para as lutas de independência, estes precursores de nossa emancipação política. É nas obras de vossos escritores que a geração dos românticos pesquisou e encontrou seu modelo, e desde então a cultura francesa teve o seu lugar de honra em nosso país.

Quando foi fundada a Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que nós dirigimos durante oito anos, conscientes dessa honra, compreendendo a responsabilidade, nós quisemos que professores franceses viessem nos oferecer a ajuda de sua ciência e de sua experiência nesse novo caminho que tarefas mais urgentes nos haviam impedido, até aquele momento, de seguir, como tínhamos o grande desejo. Foi assim que o saudoso professor Georges Dumas, cidadão honorário do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, membro de sua Academia, se tornou o padrinho dessa fundação.

Há exatos trinta anos que vossos compatriotas começavam a dar as primeiras aulas à Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo. Mas há muito mais tempo que começou a troca intelectual com a mentalidade francesa. Como dissemos no início, já havia dois séculos que o ambiente estava preparado e aqueles que conhecem o Brasil sabem que em nossas bibliotecas os livros de vossos grandes homens estão em lugar de honra.

Através de tantas vicissitudes trazidas por nosso destino, esta influência, esta contribuição sempre generosa da cultura francesa, se renova incessantemente. Marcada pela clareza cartesiana, ela nos ajudou a dar uma forma mais precisa às nossas dificuldades, à melhor maneira de resolvê-las. Ainda agora, temos a satisfação de contar na nossa faculdade uma dúzia de professores franceses que nos tornam familiares as coisas de França e continuam a amizade tradicional que nos une. Nós desejamos e esperamos que isso possa prosseguir.

Para a França, e para que esta preciosa contribuição possa durar, nós enviamos nossos jovens bolsistas que guardam disto tão suave lembrança. Ainda hoje, nós somos sensíveis aos charmes da “doce França” e à atração das ideias claras e precisas que marcam tão profundamente vossa cultura.

Sem pedantismo, nós, brasileiros, somos sentimentais, capazes de reconhecer nossos defeitos (mesmo de rir deles), e sabemos que temos muito a aprender com vossa experiência, e sabemos também que vossa cultura é generosa e não exclusivista... É uma das razões do segredo de vossa influência.

Senhores, a cidade de Toulouse, pelo lugar que ocupa e por seu passado, possui íntimas relações com a Ibéria, Espanha, Portugal e seus povos diversos, e a bela língua provençal. Nós, brasileiros, somos os descendentes de um ramo desses povos. Isso explica também, talvez, a atração que ele pode exercer sobre nós, o país distante do Atlântico sul. Mas isto é passado, e os franceses que sabem cultivá-lo, sabem melhor ainda que a verdadeira História é o presente.

Toulouse foi, nos tempos dominados pela aviação, uma das primeiras “capultas” de onde partiram os primeiros vôos diretos para a América do Sul. De Toulouse partiu uma nova linha aérea que uniu a esta Europa, nossa América, que de lá vem e a ela está tão intimamente unida.

Toulouse foi-nos apresentada desde muito cedo, quando começávamos a estudar a História; Toulouse, Montpellier, Bordeaux estão intimamente unidas à nossa história, e é por quê nós vemos hoje com tanta satisfação se estreitarem ainda as relações que unem nossas duas universidades.

É, portanto, com um imenso prazer que temos a oportunidade de conhecer Toulouse, ainda que rapidamente, e com Toulouse, uma região do vosso charmoso país. Levarei daqui uma lembrança imperecível de vossa amabilidade e de vossa encantadora acolhida!

